

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Variantes lexicais para a estrela cadente no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do Projeto ALiB

Valter Romano, Natália Andreatta, Ana Rita Carvalho de Souza

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14950>

Submetido em: 2026-01-26

Postado em: 2026-01-27 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Variantes lexicais para a *estrela cadente* no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do Projeto ALiB

Lexical variation of “shooting star” in a Linguistic Atlas of Minas Gerais and in data from the ALiB Project

Variantes léxicas para “Estrella fulgaz” en el Esbozo de un Atlas Lingüístico de Minas Gerais y en los datos del Proyecto ALiB.

Valter Pereira Romano

Universidade Federal de Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0002-8882-3188>

Natália Andreatta

Universidade Federal de Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0009-5644-9759>

Ana Rita Carvalho de Souza

Universidade Federal da Bahia
<https://orcid.org/0000-0001-8690-5772>

Resumo: Este artigo apresenta estudo geolinguístico acerca da variação lexical no território mineiro a partir de *corpora* geolinguísticos: o Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al, 1977) e dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Minas Gerais. O objetivo do trabalho é descrever as variantes lexicais documentadas na carta nº 22 do EALMG, atlas linguístico essencialmente rural e monodimensional, e nos dados do Projeto ALiB-MG, atlas urbano e pluridimensional, com vistas a traçar um estudo comparativo em duas sincronias, década de 1970 e 2010. Os resultados da pesquisa dão indícios de uma mudança linguística em tempo real e tempo aparente e evidencia áreas lexicais no território mineiro a partir da distribuição diatópica das variantes documentadas.

Palavras-chave: Minas Gerais; Variação lexical; Atlas Linguísticos; Estrela cadente

Abstract: This article presents a geolinguistic study on lexical variation in the state of Minas Gerais, Brazil, based on two linguistic corpora: the Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al., 1977) and data from the Linguistic Atlas of Brazil Project – Minas Gerais. The objective is to describe the lexical variants recorded in Map No. 22 of the EALMG—an essentially rural and monodimensional atlas—and in the ALiB-MG Project—an urban and multidimensional atlas—to carry out a comparative analysis across two synchronic moments: the 1970s and the 2010s. The results indicate signs of language change in both real-time and apparent-time contexts, and reveal lexical areas within Minas Gerais through the diatopic distribution of the documented variants.

Keywords: Minas Gerais; Lexical variation; Linguistics atlases; Shooting star

Resúmen: Este artículo presenta un estudio geolingüístico sobre la variación léxica en el territorio minero a partir de corpus geolingüísticos: el *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al., 1977) y datos del *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Minas Gerais*. El objetivo del trabajo es describir las variantes léxicas documentadas en la carta nº 22 del EALMG, atlas lingüístico esencialmente rural y monodimensional, y en los datos del Proyecto ALiB-MG, atlas urbano y pluridimensional, con miras a trazar un estudio comparativo en dos sincronías, la década de 1970 y 2010. Los resultados de la investigación ofrecen indicios de un cambio lingüístico en tiempo real y en tiempo aparente, y evidencian áreas léxicas en el territorio minero a partir de la distribución diatópica de las variantes documentadas.

Palabras clave: Minas Gerais; variación léxica; Atlas Lingüísticos; Estrella fulgaz.

1 Introdução

Cada vez que observamos uma “estrela cadente”, somos cativados por sua breve aparição, pelo brilho intenso e pela sensação fugaz de fascínio que nos desperta. Os meteoros, também chamados de estrelas cadentes, devem ter sido testemunhados desde tempos imemoriais e estão envoltos a mistérios, mitos e lendas, despertando a curiosidade e a imaginação da humanidade.

O termo "meteoro" tem origem do grego μετέωρος meteoros, "elevado, do alto (no céu)", (Houaiss, 2009), que de fato, são os riscos luminosos que os “meteoróides”, corpos celestes maiores de formação rochosa ou metálica, deixam no céu ao entrarem em contato com atmosfera terrestre. A fricção dos estilhaços dessas rochas com os gases atmosféricos queimam até se desintegrarem causando uma luminosidade possível de ser vista a olho nu, popularmente denominada como estrela cadente, sendo um evento astronômico não tão raro quanto se pensa.¹

Os meteoróides, por sua vez, são partes de copos celestes que surgem do choque de dois corpos bem maiores: os cometas e os asteróides. A diferença entre ambos é que aqueles são compostos por gelo e poeiras e estes, por rocha e minerais, além do tamanho e espaços onde orbitam no universo. Toda noite, três ou quatro meteoros por hora podem ser vistos em partes aleatórias do céu.²

Os cometas, meteoros e as chuvas de meteoros têm fascinado a raça humana e são mencionados na literatura desde muito antes de Aristóteles. Porém, sem a ciência para auxiliar na compreensão do que são esses pedaços de rocha e gelo, as antigas culturas frequentemente recorriam a mitos e lendas para explicá-los. Essas superstições e credices acompanham a história da humanidade se refletindo até os dias atuais.

Este artigo explora o universo dos meteoros (estrelas cadentes) considerando a diversidade lexical para nomear esse fenômeno no estado de Minas Gerais. Trata-se de um estudo de natureza geolingüística considerando os dados de dois atlas linguísticos brasileiros de diferentes épocas. O primeiro é o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al. 1977), pertencente ao “primeiro momento da Geolingüística brasileira” (Romano, 2013), rural e monodimensional, ou seja, com foco apenas na dimensão diatópica (espacial). O segundo atlas refere-se aos dados coletados para o *Atlas Linguístico do Brasil*, ainda inéditos, a partir de registros da língua falada em 23 cidades mineiras entre os anos de 2009 a 2013, sendo, portanto, um atlas urbano, pluridimensional, que é o marco do “segundo momento da Geolingüística no Brasil” (Romano, 2013).

¹ Meteoro visto em Minas Gerais em 03/08/2022. <https://www.youtube.com/watch?v=CitKzlpmb8A>

² science.nasa.gov

Seguindo os princípios e métodos da Geolinguística (Cardoso, 2010) e da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998), este texto apresenta dados desses dois recortes sincrônicos, década de 1970 e a segunda década dos anos 2000, que evidenciam a variação e mudança linguística em Minas Gerais, somando-se ao conjunto de estudos geolinguísticos já realizados como, por exemplo, Zágari (1998), D’Anunção (2016), Romano e Seabra (2017), Romano e Cruz (2020), entre outros.

2 As estrelas cadentes e a história da civilização: ciência, mitos e fascínio

Na Grécia antiga, a mitologia desempenhava um papel crucial na explicação dos fenômenos naturais. Os gregos associavam muitos deuses às estrelas, e algumas constelações surgiram como homenagens divinas a mortais, como o cinturão de Órion e a constelação de Câncer. A história romana também estava profundamente ligada aos deuses, especialmente a Marte e a Vênus. Os romanos acreditavam que o destino do seu mundo dependia da vontade desses seres divinos: eram eles que garantiam a soberania sobre outros povos e asseguravam o poder do império (Filgueira, 2015). Portanto, tanto gregos quanto romanos viam a aparição de cometas, meteoros e chuvas de meteoros como prenúncios, sinalizando eventos bons ou ruins que estavam por vir.

Na primavera de 44 a.C., um cometa surgiu e foi interpretado como um sinal da deificação de Júlio César após seu assassinato. Otaviano, filho adotivo de César e futuro Imperador Augusto, deu grande importância ao cometa, que queimava no céu durante os jogos fúnebres realizados em homenagem a César. Esse evento prenunciatório foi frequentemente celebrado nas fontes antigas (Mota, 2020). Virgílio, em sua epopeia Eneida, descreve como “uma estrela apareceu durante o dia, e Augusto persuadiu as pessoas a acreditarem que era César” (Mota, 2020).

A estrela de Belém, mencionada no Evangelho de Mateus, é talvez uma das referências mais conhecidas às estrelas cadentes na tradição cristã. Segundo o relato bíblico, uma estrela cadente guiou os três reis magos até o local do nascimento de Jesus, simbolizando o nascimento do Salvador:

¹ E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, ² e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a **sua estrela no Oriente** e viemos a adorá-lo. ³ E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. ⁴ E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. ⁵ E eles lhe disseram: Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta: ⁶ E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de tí sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel. ⁷ Então, Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a **estrela** lhes aparecera. ⁸ E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore. ⁹ E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a **estrela** que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino." (Bíblia, 2011) Mateus 2, Lucas 2:39-52).

Essa narrativa exemplifica a maneira como as estrelas cadentes foram interpretadas como sinais divinos ou mensageiros celestes em diversas tradições ao longo do tempo, diferentemente dos povos aborígenes, que encaravam eventos naturais extraordinários ou incomuns com grande temor.

A chegada inesperada de um cometa brilhante desencadeava medo e era associada à morte, espíritos ou presságios. Spencer & Gillen (1904), por exemplo, descrevem uma forma de magia maléfica conhecida como Arungquilha, que envolvia meteoros e resultava na formação de cometas, sendo utilizada para punir esposas infiéis nas comunidades Arunta, povos nativos da Austrália. Segundo o ritual da tribo, caso uma mulher fugisse de seu marido, ele convocaria

homens de seu grupo e um curandeiro para conduzir uma cerimônia destinada a castigá-la. Durante o ritual, um desenho representando a mulher era traçado na terra, enquanto os homens entoavam uma canção específica. Um pedaço de casca, simbolizando o espírito da mulher, era empalado por uma série de pequenas lanças imbuídas de Arungquilha e lançadas na direção onde acreditavam que a mulher estava, aparecendo no céu como um cometa. O Arungquilha encontrava a mulher e a privava de sua vitalidade. Após a mulher emaciada perecer, seu espírito surgia no céu como um meteoro (Spencer; Gillen, 1904).

Apesar de serem fenômenos diferentes, cometas e meteoros eram frequentemente relatados como o mesmo fenômeno. O historiador romano Cassius Dio (155 e 235 d.C.) referiu-se a "estrelas cometas" ocorrendo em agosto de 30 a.C. Estas são mencionadas entre os presságios testemunhados após a morte da rainha egípcia Cleópatra. Os especialistas não estão completamente certos do que significa quando Dio usa o termo plural "estrelas cometas", mas alguns conectaram este evento registrado à chuva de meteoros anual Perseidas (Spencer; Gillen, 1904).

Embora mantenha um nome grego antigo, agora sabemos que a chegada da chuva de meteoros Perseidas todo agosto é na verdade a órbita da Terra passando pelos detritos do cometa Swift-Tuttle. A chuva de meteoros recebe o nome dos Perseidas, que eram os filhos do herói da Grécia Antiga, Perseu. Na tradição cristã, a chuva de meteoros Perseidas há muito tempo é conectada ao martírio de São Lourenço. Laurentius era um diácono na igreja primitiva em Roma, martirizado no ano de 258 d.C., durante as perseguições do imperador Valeriano. O martírio supostamente ocorreu em 10 de agosto, quando a chuva de meteoros estava em seu auge, e assim as estrelas cadentes são equiparadas às lágrimas do santo. (National Aeronautics and Space Administration, 2024).

Registros de fenômenos astronômicos e observações celestes também estão presentes em documentos históricos do Extremo Oriente. Os registros antigos e medievais da China, Coreia e Japão contendo relatos detalhados de estrelas cadentes podem ser correlacionados e foi o que permitiu aos astrônomos rastrear, por exemplo, o impacto do cometa Halley nas antigas sociedades tanto do leste quanto do oeste.

O estudo científico dos meteoros e das chuvas de meteoros avançou significativamente desde os tempos antigos. Menções a cometas e meteoros obtinham opiniões muito variadas por autores daquela época. Aristóteles, em sua obra *Meteorologia*, acreditava que a natureza dos cometas e dos meteoros era uma exalação terrestre inflamada ou acesa na parte superior do ar. Segundo Morganti (1757), Pitágoras acreditava que os cometas eram estrelas que, após um certo curso, retornavam conforme as leis ocultas da natureza. Já Xenofonte acreditava que era uma composição e movimento de nuvens de fogo.

Uma mudança crucial nas crenças astronômicas ocorreu com a publicação de "De Revolutionibus" por Copérnico em 1543, que propôs o sistema heliocêntrico. Embora os cometas sejam mencionados apenas uma vez nesse livro, a crença em sua origem terrestre foi reiterada. No entanto, em 1577, a aparição extraordinária de um cometa, visível por quase três meses, permitiu observações detalhadas por vários astrônomos. Tycho Brahe, em 1588, provou que o cometa estava a uma distância de pelo menos seis vezes a da Lua, movendo-se livremente através das esferas celestes, o que implicava que as esferas não existiam (Williams, 2010).

A resposta para o que mantinha os planetas em seus lugares veio com Isaac Newton em 1687, em "Principia", que compreendeu o movimento dos cometas, mas ainda não havia uma ideia clara sobre sua natureza, mas foi Edmond Halley provavelmente o primeiro a sugerir que os meteoros tinham origem cósmica.

A partir do século XVI, os cientistas começaram a seguir a doutrina de Descartes, que, em sua obra (*Principia philosophiae*, 1644), sugeria que os cometas e meteoros eram estrelas verdadeiras assim como as demais; movem-se em órbitas muito amplas e tornam-se visíveis quando se aproximam da parte inferior dessas órbitas.

No Brasil, a percepção popular sobre estrelas cadentes está profundamente enraizada no folclore. Luís da Câmara Cascudo (1954) descreve que no sertão brasileiro, a estrela cadente é frequentemente vista como um cometa. A aparição de uma estrela cadente provoca uma reação de medo e superstição, com o sertanejo murmurando "Deus te guie" ou "Deus te guie, Zelação!" para afastar os maus presságios. A crença de que cometas anunciam calamidades é forte, e há uma impressão de que a estrela cadente anuncia a morte de um doente. Além disso, é superstição comum na Europa e no Brasil que um desejo feito enquanto se vê uma estrela cadente será realizado, desde que o desejo seja pronunciado enquanto a estrela ainda brilha no céu (Cascudo, 1954).

Há também uma lenda amazônica, segundo Cascudo (1954) que diz que, no início do mundo, o céu noturno era vazio e sem brilho, com apenas a lua e poucas estrelas. Essas estrelas, solitárias, admiravam a Terra e os belos jovens das tribos amazônicas, desejando que eles se juntassem a elas no céu. Para atrair a atenção dos rapazes, as estrelas traçavam um brilho no céu, transformando-se em estrelas cadentes. Quando os jovens olhavam, as estrelas desciam e se transformavam em belas moças. Elas passavam a noite juntos e, ao amanhecer, levavam os jovens para o céu, tornando as noites mais estreladas.

Embora os mitos e as lendas possam levar alguém a pensar que as antigas civilizações tinham pouco entendimento científico do que poderiam ser as estrelas cadentes, isso não poderia estar mais longe da verdade. Os astrônomos antigos do Oriente Próximo, aqueles que criaram os calendários babilônicos e egípcios, e os dados astronômicos eram, de longe, os mais avançados na antiguidade. E um estudo recente de textos cuneiformes antigos provou que a capacidade babilônica de rastrear cometas, movimentos planetários e eventos celestes já no primeiro milênio a.C. envolvia uma geometria muito mais complexa do que se acreditava anteriormente.

A estrela cadente, portanto, permanece um elo fascinante entre as tradições culturais, mitologias e a astronomia. Seja como presságio de desastres, guia espiritual ou simples fenômeno astronômico, a estrela cadente continua a capturar a imaginação humana, iluminando tanto nosso passado mitológico quanto nosso entendimento científico do cosmos.

3 O esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais

O tamanho fascínio pelas estrelas cadentes se observa espelhado inclusive nos atlas linguísticos, dentre eles, o Esboço de Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (Ribeiro et al) e o Atlas Linguístico do Brasil (Comite Nacional, 2001), entre outros, portanto, a variação linguística para a *estrela cadente*, pertencente a área semântica *Astros e tempo* não ficou de fora dos questionários dos primeiros atlas linguísticos brasileiros. E no segundo deles, desenvolvido na década de 1970, apresenta-se documentada em uma carta linguística que permite identificar forma populares e metafóricas que evidenciam particularidades linguísticas do falar rural da época.

É inegável a importância do estado de Minas Gerais para a Dialectologia/Geolinguística no Brasil, seja pela publicação da obra *O falar Mineiro* (Teixeira, 1938), que se soma às primeiras monografias dialetais do Brasil, ao lado de *O Dialeto Caipira* (Amaral, 1920), *O Linguajar Carioca* (Nascentes, 1922), *A Língua do Nordeste* (Marroquim, 1934), seja pela publicação do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al. 1977), que, juntamente com o Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi, 1963), publicado quatorze anos antes, inaugura o “Primeiro momento da Geolinguística no Brasil” (Romano, 2013) e dá impulso para elaboração e publicação de outros atlas estaduais que os sucederam, inclusive, como forma de fomentar as o início das atividades do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que se deu 19 anos depois, em 1996.

O EALMG tem seu caráter inaugural por mapear a língua portuguesa falada em Minas Gerais em 116 localidades, “onde se incluem desde dos grandes centros - econômicos, industriais, turísticos ou históricos – até povoados de algumas dezenas de casas. (Ribeiro et al. 1977, p. 18).

O atlas, segundo os autores, foi planejado para ser publicado em quatro volumes que revelariam as “variantes do português de Minas Gerais, por parte do falante de camadas menos cultas” (Ribeiro et al. 1977, p. 18). Porém, apenas o primeiro volume veio a público, apresentando textos introdutórios e um conjunto de 73 cartas linguísticas, além de um pequeno glossário. Esse primeiro e único volume do EALMG objetivou “de forma simples e visual, apresentar a variação lexical mineira em dois campos semânticos definidos: *tempo e folguedos infantis de rua* – e três segmentos (fones) nos limites virtuais de sua distribuição diatópica” (Ribeiro et al. 1977, p. 18) e constitui uma obra de referência para os dialetólogos brasileiros.

A partir das cartas linguísticas do EALMG, Zágari (1998) apresenta o mapa dialetal do território mineiro, dividindo-o, em três partes:

O falar baiano, no norte do estado, onde há a predominância do abaixamento de vogais médias pretônicas;

O falar paulista, localizado no Triângulo Mineiro e no sul do estado, cujo traço fonético característico é a presença do /r/ retroflexo;

O falar mineiro, “preso entre essas duas áreas que, não possuindo nenhuma das características enumeradas anteriormente, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros quando finais e antecidos de sibilante” (ZÁGARI, 1998, p. 34).

Outros trabalhos discutem essa tripartição, dentre eles o de D’Anuniação (2016), Romano e Seabra (2017), Romano e Cruz (2020) que ratificam e retificam, parcialmente, a proposição de Zágari (1998).³

Neste texto, apresentamos a análise e a descrição de uma carta do EALMG, a carta 12 – estrela cadente – e as cartas correlacionadas a ela, Carta 55, 56 e 57, que são desdobramentos da primeira com traçado de isoléxicas⁴ para determinadas variantes. A partir da consulta à carta 12 do EALMG, passamos ao processo de quantificação e re-cartografia dos dados, utilizando uma base cartográfica georreferenciada com auxílio da ferramenta SGVCLin (Romano, Seabra e Oliveira, 2014), que propiciou uma cartografia informatizada e automatizada para o fenômeno estudado, não só pelo caráter quantitativo do *corpus*, mas principalmente pela precisão no traçados das isoléxicas ou distribuição areal de determinada(s) variante(s).

4 Projeto Atlas Linguístico do Brasil - MG

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em franco desenvolvimento desde 1996, encontra-se em diferentes fases de sua elaboração (Romano, 2020) e se constitui como um macroprojeto em rede que envolve diferentes universidades brasileiras. Coordenado por um Comitê Nacional, com sede na Universidade Federal da Bahia, o Projeto ALiB possui uma infinidade de publicações elaboradas a partir do *corpus* como resultados de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além dos três primeiros volumes publicados, vol. 1 e vol. 2 (Cardoso et. al. 2014) e o volume 3, organizado com textos de comentários às cartas do vol. 2 (Mota et al. 2023), referentes aos dados de 25 capitais brasileiras.⁵

³ Romano e Seabra (2017) apresentam o estado da arte sobre a dialetologia e geolinguística mineira àquela época e uma discussão detalhada sobre o mapa dialetal de Minas Gerais. Romano e Brissos (no prelo) retomam essa divisão e trazem uma análise dialetométrica das cartas lexicais do EALMG que ratificam a perspicácia de Zágari (1998) ao delimitar as áreas.

⁴ Linhas virtuais que traçam limites também virtuais de formas e expressões linguística em determinado mapa.

⁵ Informações sobre as publicações do Projeto ALiB podem ser encontradas em: <alib.ufba.br>. O projeto prevê publicação dos v. 4 e 5 ainda com dados das capitais e os volumes posteriores com dados do interior do país para os próximos anos.

O *corpus* do projeto contempla a língua falada por 1100 brasileiros distribuídos em 250 municípios de todo o território nacional. A coleta dos dados se deu de forma sistemática pela aplicação de questionários destinados a documentar variação fonético-fonológica, semântico-lexical e morfossintática, principalmente.

Os dados de Minas Gerais, encerra a fala 96 mineiros, distribuídos, equitativamente, em duas faixas etárias (faixa I: 18 a 30 / faixa II: 50 a 65 anos) de ambos os sexos. Nas 22 cidades do interior, foram entrevistados quatro informantes com esse perfil (um homem e uma mulher da faixa I e um homem e uma mulher da faixa II), sendo todos com máximo de 9 anos de escolarização (ensino fundamental). Na capital, Belo Horizonte, além desses quatro informantes, somam-se mais quatro com o mesmo perfil, porém com nível superior de escolaridade, totalizando oito informantes belorizontinos.

Esse perfil de informante permite registrar aspectos linguísticos da língua falada em Minas Gerais, uma vez que a condição primária de cada um dos informantes selecionados recai sobre a obrigatoriedade de ser natural da localidade, com pais e cônjuges preferencialmente também naturais e que não tenham se ausentado da região linguística pelo menos 1/3 de suas vidas, ou seja, são informantes topoestáticos (Thun, 1998) com pouca ou nenhuma mobilidade no espaço geográfico/migratório.

De modo geral, a amostra dos dados retrata a fala de mineiros com profissões do terceiro setor: empregadas domésticas, mecânicos, funcionários de fábricas, atendentes de hotel, camareiras etc (Isquerdo e Romano, 2012). Além desse perfil, nas capitais, os quatro informantes de nível superior representam uma pequena amostra de profissionais liberais, médicos, advogados, professores, empresários, com profissões que podem evidenciar uma possível variação diastrática (grupo social) na comparação entre ambos os grupos (Fundamental/Superior)⁶. Trata-se, portanto, de um atlas pluridimensional (Thun, 1998), que contempla, além da dimensão diatópica-estática (espacial), a variação diassexual (masculino/feminino), variação diageracional (faixa I e faixa II) e diastrática (Ensino Fundamental/Ensino Superior), e outras dimensões da variação linguística controladas a partir dos diferentes questionários constantes dos instrumento de coleta de dados (Comite Nacional, 2001).

O foco deste texto está, principalmente, na discussão dos resultados diatópicos correlacionados ao da faixa etária em comparação com os registrados na carta do EALMG (Ribeiro et al. 1977). Para tanto, selecionamos a questão 31 do Questionário Semântico-Lexical (Comite Nacional, 2001), referentemente à área semântica *Astros e Tempo*, cuja formulação é a seguinte: “... De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, e faz um risco de luz, como se chama isso?”. Essa pergunta foi realizada para todos os informantes e as respostas de cada um deles foram coletadas a partir das transcrições e da oitiva das entrevistas.

De posse do *corpus*, organizamos planilhas de levantamento de dados com todas as respostas e posterior quantificação e cartografia linguística dos dados utilizando o Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Romano, Seabra e Oliveira, 2014). Apresentamos, portanto, os resultados por meio de tabelas, gráficos e cartas linguísticas que permitem a comparação de ambos os *corpora* e o cotejo das principais variantes em duas obras lexicográficas: Houaiss (2009) e Caldas Aulete (2024).

5 Apresentação dos resultados

⁶ Para este texto, foram desconsiderados os dados dos informantes de nível superior. Ou seja, este artigo apresenta resultados de 92 mineiros com até 9 anos de escolarização.

Os dados estudados neste artigo são apresentados em duas partes: inicialmente o que se encontra registrado no EALMG e em seguida nos dados do ALiB, a partir dos quais podemos tirar algumas conclusões ao final.

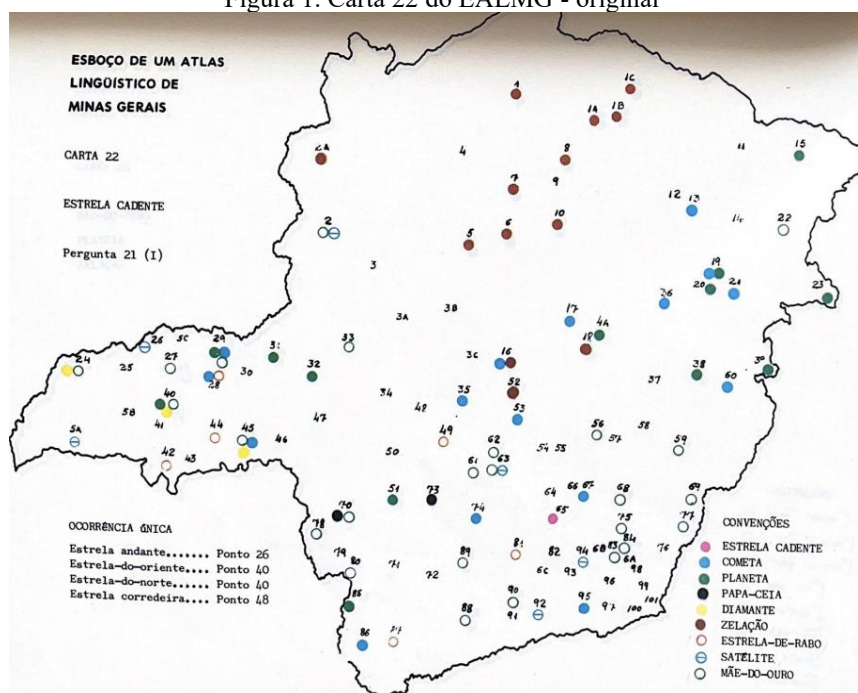
5.1 Denominações para estrela cadente no EALMG

A carta 22 do EALMG (Figura 1) traz as denominações de nove itens elencados na legenda e quatro ocorrências únicas como nota. Do modo como se apresenta, a análise desse mapa não é tão simples quanto parece, pois não há um critério de produtividade das variantes⁷. Numa rápida visualização da carta, saltam aos olhos três cores:

- marrom (variante zelação), principalmente no centro-norte;
- azul (cometa), esparsa pelo território;
- amarelo (variante diamante) no Triângulo Mineiro, além de vários pontos sem variantes.

Com vistas a uma recartografia dos dados para facilitar a análise quantitativa do *corpus*, os resultados da carta foram inseridos no SGVCLin (Romano, Seabra e Oliveira, 2014), o que possibilitou visualizar as variantes lexicais e respectiva distribuição diatópica preservando-se a paleta de cores a mais próxima possível da carta original (Figura 2).

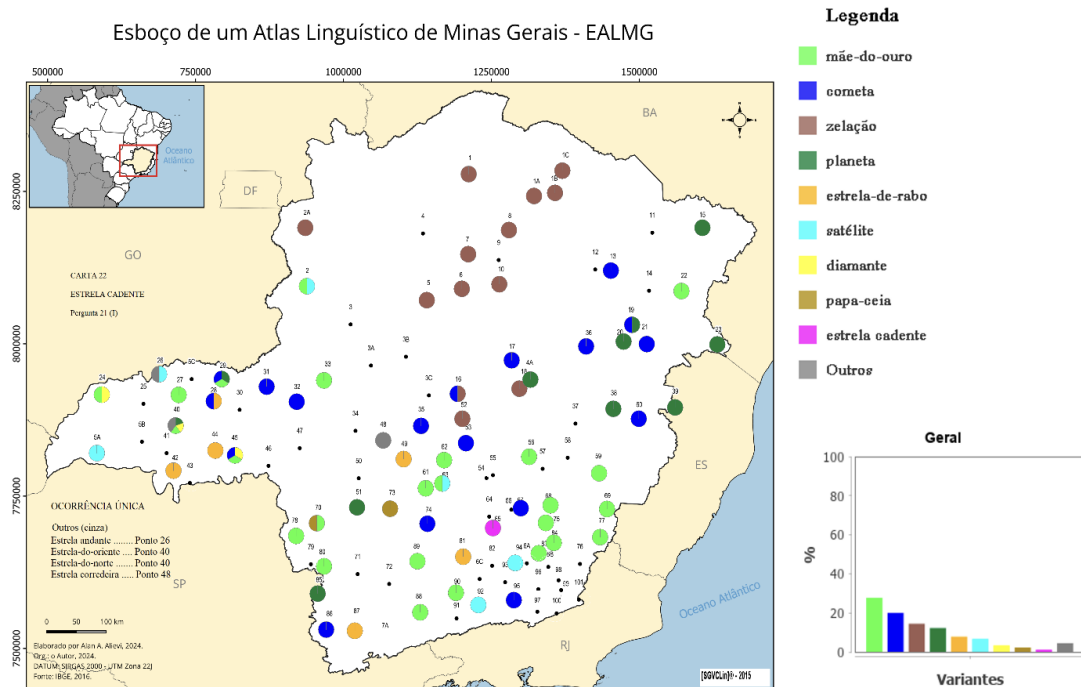
Figura 1. Carta 22 do EALMG - original



Fonte: EALMG, 1977

Figura 2. Recartografia da carta 22 do EALMG no SGVCLin

⁷ Nesta oportunidade não entraremos em detalhes quanto a aspectos cartográficos deste que é o segundo atlas linguístico feito no Brasil. Ressalte-se, sobretudo, o pioneirismo, ineditismo da obra e relevância do material que se apresenta como fonte de pesquisa e registro histórico do português popular falado em Minas Gerais.



Numa macroanálise, observamos quatro itens lexicais com distribuição mais produtiva pelo estado:

- i. *mãe de ouro*, em verde claro (centro-sul);
- ii. *cometa*, em azul escuro, distribuição mais concentrada na porção nordeste do território, mas também esparsamente no centro-sul e no Triângulo Mineiro;
- iii. *zelação*, em marrom, na porção norte do estado, e
- iv. *planeta* (verde escuro), distribuída esparsamente pelo território.

A partir da inserção desses resultados na base de dados do SGVCLin, foi possível quantificar as ocorrências dos itens no EALMG, sendo 90, o número de respostas válidas além de 41 NS – localidades que não apresentam repostas para o referente perguntado, conforme se observa na Tabela 1:

Tabela 1 Produtividade das variantes documentadas na carta 22 do EALMG

Número da questão: 11

Questão ESTRELA CADENTE

Variantes	Número de ocorrências	%
mãe-do-ouro	25	27.78%
cometa	18	20.00%
zelação	13	14.44%
planeta	11	12.22%
estrela-de-rabo	7	7.78%
satélite	6	6.67%
diamante	3	3.33%
papa-ceia	2	2.22%
estrela cadente	1	1.11%
estrela andante	1	1.11%
estrela-do-orient	1	1.11%
estrela corredeira	1	1.11%
estrela-do-norte	1	1.11%
	90	

NS: 41. NS: 3/1, 4/1, 9/1, 11/1, 12/1, 14/1, 25/1, 30/1, 34/1, 37/1, 41/1, 43/1, 46/1, 47/1, 50/1, 54/1, 55/1, 57/1, 58/1, 64/1, 66/1, 71/1, 72/1, 76/1, 79/1, 82/1, 91/1, 93/1, 96/1, 97/1, 98/1, 99/1, 100/1, 101/1, 106/1, 107/1, 108/1, 111/1, 112/1, 113/1, 115/1

Fonte: EALMG (1977) - Relatório do SGVCLin

Observamos nesses dados que as variantes menos produtivas encontram-se abaixo de 10 ocorrências, dentre elas a variante, *estrela cadente*. Enquanto as mais produtivas são as que estão com acima de 10 ocorrências, inclusive a variante *zelação*, com 13 registros. *Mãe-do-ouro* é a variante que predomina no *corpus* (25 registros), seguida de *cometa* (18).

Com vistas a comparar as cartas de isoléxicas do EALMG (cartas: 55, 56 e 57), nas Figura 3, 4 e 5, podemos observadars a carta original do atlas do lado esquerdo e a recartografiação com a distribuição areal partir da poligonização de Voronoi. Algumas observações podem ser constatadas:

Figura 3: Comparação da distribuição areal de *zelação*

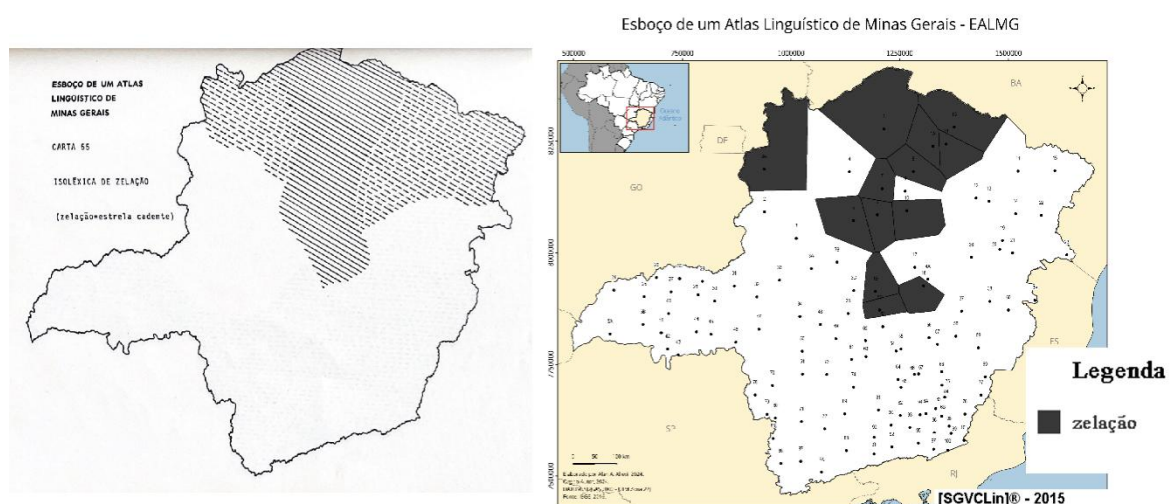
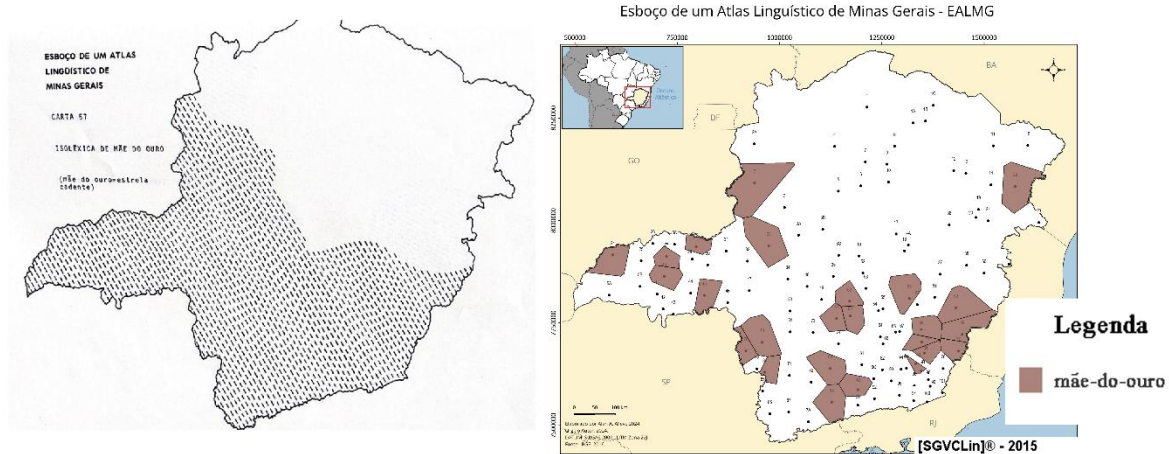
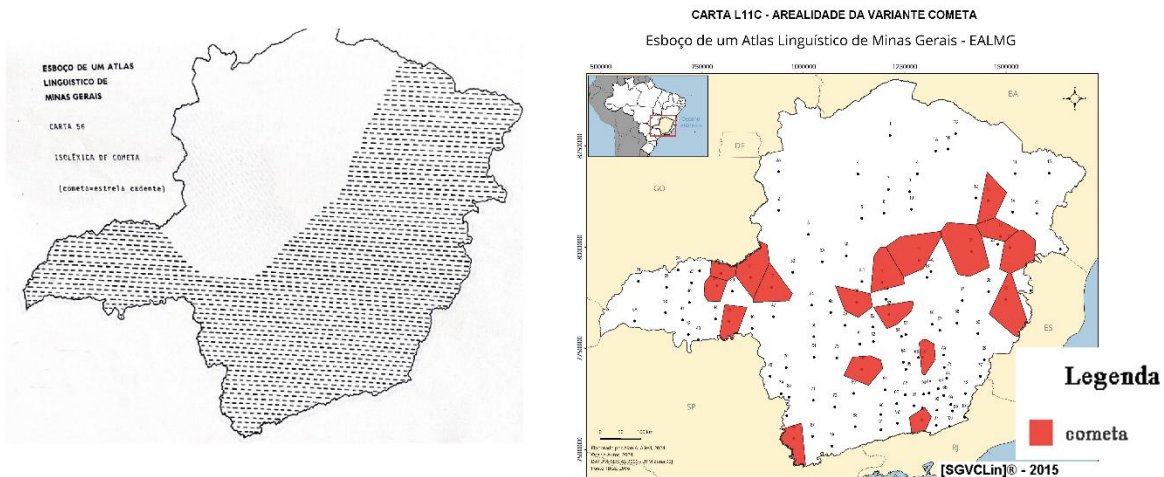


Figura 4 – Comparação da distribuição areal de *mãe-do-ouro*



Fonte: EALMG (1977)/ SGVCLin (2014)

Figura 5 – Comparação da distribuição areal de *cometa*



Fonte: EALMG (1977)/ SGVCLin (2014)

As cartas originais do EALMG apresentam um traçado de isoléxicas à mão livre, sem coincidir necessariamente com as localidades em que os itens ocorreram. Trata-se de uma projeção apresentada no atlas, uma vez as cartas-resumo ou sintéticas (Montes Giraldo, 1987) requerem certo grau de análise. A recartografia dos dados permitiu chegar à distribuição das áreas e a delimitação de isoléxicas de forma mais precisa. Observamos, contudo, que os mapas à esquerda uma área maior de ocorrência de determinado item e as cartas à direita representam exatamente as localidades em que os itens (*zelação*, *mãe de ouro* e *cometa*) ocorreram. A variante *zelação* está no centro-norte do estado; ao passo que ‘*mãe-de-ouro*’ distribui-se no centro-sul e ‘*cometa*’ ocorre de forma mais dispersa.

Das três variantes representadas nessas cartas, apenas *zelação* está dicionarizada na acepção utilizada pelos informantes. Tanto em Houaiss (2009) quanto Caldas Aulete (2024) remetem na entrada *zelação* como sinônimo de estrela cadente e atribuem marcas de uso relacionadas a regionalismo/brasileirismo referentes ao Nordeste do Brasil, respectivamente.

Vale notar que a variante foi amplamente documentada pelos pesquisadores do Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi et al. 1963) na carta de n.2. A esse respeito, Mota (1999) faz um estudo comparativo para os designativos da “estrela cadente” em atlas estaduais até então publicados: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi et al. 1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Ribeiro et al. 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (Aragão;

Menezes, 1984), Atlas Linguístico de Sergipe (1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994). Segundo a autora:

[...] *exalação* e variantes delinea uma grande área dialetal que se inicia na parte setentrional de Minas Gerais e se estende em direção norte, alcançando a Paraíba. Segundo os dados do APFB, essas variantes são freqüentes na Bahia, onde deixam de ocorrer em apenas quatorze pontos — os pontos 8, 9, 10, 11, 12 e 50, do extremo sul; os pontos 24 e 25, em área limítrofe com Minas Gerais; os pontos 15 e 16, próximos ao estado de Sergipe; os pontos 3 e 5, no Recôncavo baiano; e, mais ao norte, os pontos 26 e 42, este último, a oeste, às margens do rio São Francisco. Em Sergipe, registra-se apenas uma ocorrência de *zelação*, no ponto 60. Ao norte de Minas Gerais, na área mineira do falar baiano, registra-se *zelação*, nos pontos 1, 1A, 1B, 1C, 2A, 5, 6, 7, 8 e 10 e, mais ao sul, ainda próximo ao falar baiano, no ponto 18. Ocorrem aí mais duas variantes: *cozelação* (no ponto 16) e *velação* (no ponto 52). (Mota, 1999, p.26)

Na tripartição de Zágari (1998), a respeito das áreas dialetais de Minas Gerais, *zelação* caracteriza-se como forma típica do falar baiano que se prolonga para a porção norte do território mineiro, o que a diverge das outras três áreas. Dando continuidade à apresentação dos resultados, a próxima seção traz os dados do Projeto ALiB.

5.2 Denominações para estrela cadente nos dados do Projeto ALiB

Nos dados das 23 localidades mineiras, que sumariza as respostas de 92 informantes observa-se que a pergunta 31 do QSL obteve 69 respostas válidas e 25 “não soube”, conforme dados da Tabela 2.

Tabela 2 Produtividade das variantes documentadas nos dados do ALiB

Número da questão: 31

Questão De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?

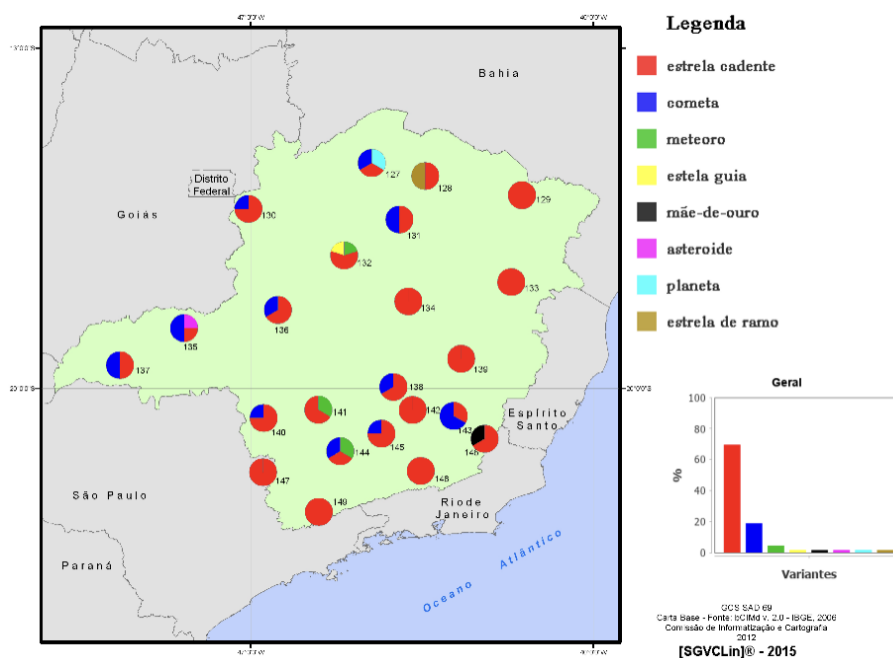
Variantes	Número de ocorrências	%
estrela cadente	48	69.57%
cometa	13	18.84%
meteoro	3	4.35%
estrela de ramo	1	1.45%
estela guia	1	1.45%
planeta	1	1.45%
asteroide	1	1.45%
mãe-de-ouro	1	1.45%
	69	

NS: 25. NS: 127/3, 127/4, 128/1, 128/3, 129/3, 129/4, 131/1, 131/3, 133/3, 133/4, 134/2, 134/3, 134/4, 135/4, 136/4, 137/3, 137/4, 138/3, 141/3, 142/3, 143/4, 144/4, 146/4, 148/3, 148/4

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB

Estrela cadente, embora não dicionarizada em nenhum dos dois dicionário gerais consultados, é a forma lexical que predomina no universo das respostas, aproximadamente, 70% dos dados. Em menor produtividade encontra-se *cometa* (aproximadamente 20%) e, com ocorrências inferiores a 5%, está *meteoro*, seguida das demais formas que se apresentam como ocorrências únicas.

Figura 6 Distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 31 do QSL

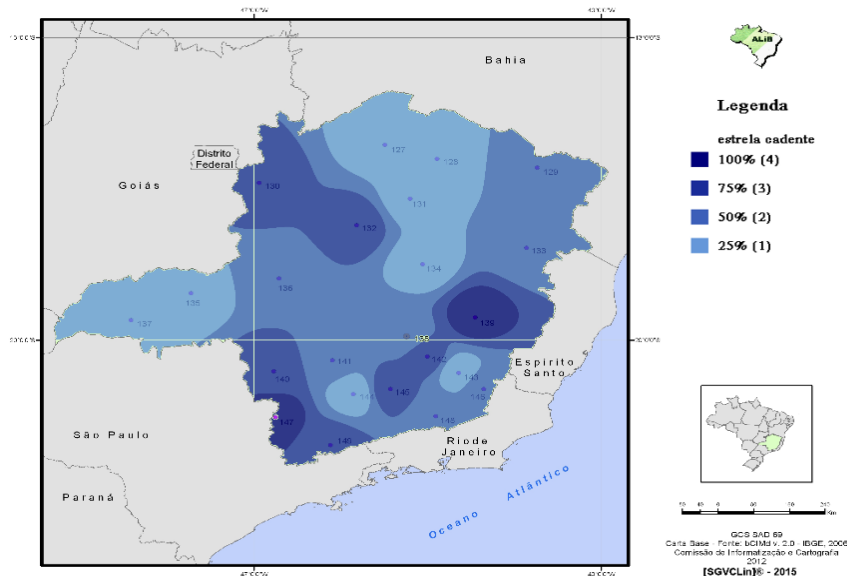


Fonte: Banco de dados do ALiB – inédito. Carta linguística experimental

A forma mais produtiva (*estrela cadente*) ocorre em todos os pontos linguísticos, sendo a variante exclusiva em oito localidades: ponto 129 (Pedra Azul), 133 (Teófilo Otoni), 134 (Diamantina), 139 (Ipatinga), 142 (Ouro Preto), 148 (Juiz de Fora), 147 (Poços de Caldas) e 149 (Itajubá), o que não significa, necessariamente, que a variante ocorreu na fala de todos os informantes do ponto. Diamantina (ponto 134), por exemplo, apenas um informante registrou uma variante, os demais declararam não saber denominação para o referente perguntado. A variante *cometa* (cor azul) ocorre de forma esparsa em toda a rede de pontos. A terceira variante mais produtiva, no conjunto dos dados, *meteoro* (em verde), se apresenta apenas em duas cidades do sul do estado: Formiga (141) e Lavras (144) e em uma cidade no noroeste de Minas (Pirapora, ponto 132). Ainda sobre a carta, cabe realçar que a variante lexical *mãe-de-ouro* foi registrada unicamente em Muriaé (ponto 146), na Zona da Mata Mineira.

A Figura 7 traz a distribuição areal da forma mais produtiva considerando a gradualidade do item em diferentes espaços de Minas Gerais:

Figura 7 Arealidade gradual da variante majoritária no corpus do ALiB

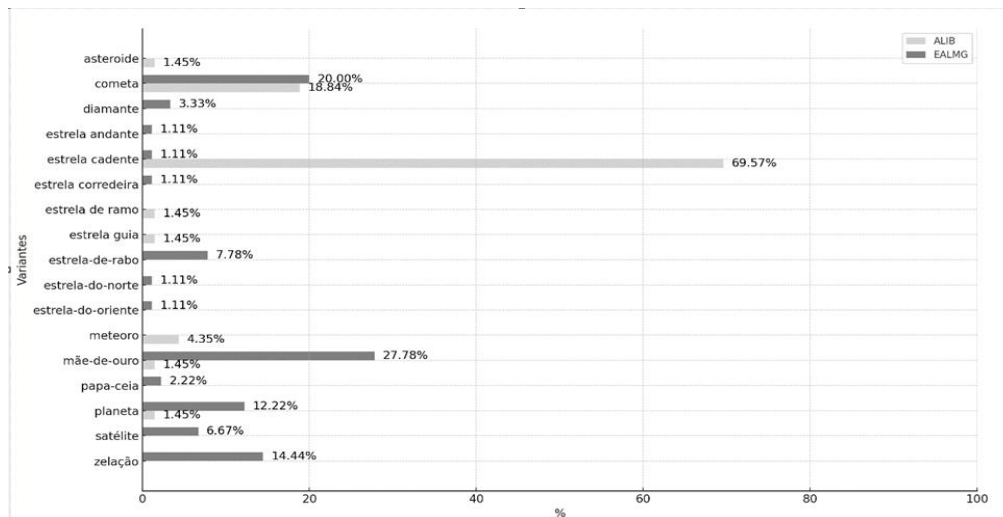


Fonte: Banco de dados do ALiB – inédito. Carta linguística experimental

Observamos nesta carta uma maior incidência de *estrela cadente* em duas regiões, onde a cor azul se apresenta de forma mais escura, nas imediações do ponto 138 (Belo Horizonte), região metropolitana, e 147 (Poços de Caldas), ao sul do estado. Nessas duas localidades, todos os informantes de cada ponto (4 informantes) auferiram *estrela cadente*. Em grande parte de Minas Gerais, *estrela cadente* foi resposta de apenas 1 ou 2 informantes, conforme se observa na carta de arealidade gradual. Vale chamar atenção para a região do centro norte a partir do ponto 134 (Diamantina em direção a Janaúba – ponto 127 - e Januária – ponto 128- , no norte de Minas, passando pelo ponto 131 – Montes Claros). A incidência da variante majoritária do *corpus* é menor nessa área, assim como no Triângulo Mineiro e nos pontos 143 (Viçosa) e 144 (Lavras).

Feitas as apresentações gerais dos dados de ambos os atlas, a seguir passamos a uma comparação das formas registradas em ambos os atlas (Figura 8). Desse modo, o gráfico revela 17 variantes lexicais registradas nos dados dos atlas, das quais apenas quatro delas são coincidentes em ambos: (i) *cometa*, em dados percentuais próximos; (ii) *estrela cadente* com alta produtividade no ALiB, enquanto no EALMG apresentou-se apenas com uma ocorrência; (iii) *mãe-de-ouro*, que no EALMG está mais difundida com aproximadamente 28% de produtividade, enquanto no ALiB apresentou baixo percentual (1,34%) e, por fim, (iv) *planeta*, com aproximadamente 12% de produtividade nos dados de 1977, enquanto no ALiB, ocorre com 1,45%.

Figura 8: Produtividades das variantes no EALMG e no ALiB



Fonte: Banco de ALiB – inédito /EALMG (1988)

Há formas exclusivas nos dados do ALiB com baixa representatividade: *asteroide*, *estrela de ramo*, *estrela guia* e *meteoro*. *Meteoro* e *asteroide* são dois termos da astronomia. *Meteoro* é a denominação científica para a popular ‘estrela cadente’, “Rastro luminoso que resulta da entrada na atmosfera terrestre de um corpo sólido vindo do espaço.” (Caldas Aulete, 2024) e *asteroide* “qualquer dos pequenos corpos celestes que gravitam em torno do Sol, na maioria em órbitas situadas entre as de Marte e de Júpiter; planetóide” (Houaiss, 2009), este último mencionado, provavelmente, por extensão de sentido. Já *estrela de ramo* e *estrela guia* são formas mencionadas possivelmente por motivação do traçado que o rastro luminoso deixa no céu, como se fosse um ramo, e estrela guia por associação à estrela vista pelos reis magos, conforme descrição do Novo Testamento.

As variantes encontradas unicamente no EALMG são: *diamante*, *estrela andante*, *estrela corredeira*, *estrela do norte*, *estrela do orient*, *papa-ceia*, *satélite* e *zelação*. Em Houaiss (2009) e Caldas Aulete (2024) não se encontra o verbete “diamante” na acepção do o referente em pauta. *Estrela andante* e *estrela corredeira*, possivelmente, são formas motivadas pelo movimento da estrela que se desloca no céu (anda, corre). *Estrela do norte* e *estrela do orient*, provavelmente, pelo sentido de nortear e orientar, em alusão à estrela descrita na Bíblia; já *papa-ceia*, tanto em Caldas Aulete (2024) quanto em Houaiss (2009) encontra-se uma acepção relacionada ao planeta Vênus, como regionalismo do Brasil de uso informal (Houaiss, 2009) ou brasileirismo popular (Caldas Aulete (2004). *Satélite*, provavelmente, foi uma variante auferida pelo informante por extensão de sentido e *zelação*, em ambas obras lexicográficas, aparece como sinônimos para estrela cadente, como já mencionado.

Observamos, dessa forma, uma mudança linguística quando se compara os dois atlas. *Zelação* não mais aparece no vocabulário ativo dos informante do ALiB, enquanto no EALMG era uma forma bastante difundida no centro-norte, caracterizando, inclusive uma área dialetal de influência do *falar baiano* (Nascentes, 1953; Zágari, 1998) no estado de Minas Gerais.

Em comparação na distribuição diatópica, observamos na Figura 7, que o espaço geográfico onde ocorria *zelação* no EALMG (Figura 3), atualmente, tem baixa representatividade da forma majoritária (estrela cadente), no conjunto de dados do ALiB e é uma variante lexical não dicionarizada; ao passo que no EALMG, *estrela cadente* apresentou-se com ocorrência única.

Cometa, rubrica da astronomia (Houaiss, 2009 e Caldas Aulete, 2024) ainda se encontra representativa nos dados do ALiB, ao passo que *mãe de ouro*, forma não dicionarizada em ambos dicionários consultados, estava difundida no centro-sul de Minas Gerais na década

de 1970 e, atualmente, encontra-se registrada apenas numa localidade da Zona da Mata Mineira, Muriaé (ponto 146 do ALiB, na fala de uma informante da segunda faixa etária).

Ainda a respeito da variação e mudança de vocabulário dos mineiros em relação ao fenômeno astronômico perguntado, apresentamos na Tabela 3 a distribuição das variantes conforme a faixa etária dos informantes do ALiB.

Tabela 2 Variantes lexicais para questão 31 do QSL, segundo a faixa etária

Número da questão: 31

Questão De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?

Variantes	Número de ocorrências	%
faixa I		
estrela cadente	35	76.09%
cometa	5	10.87%
meteoro	3	6.52%
planeta	1	2.17%
estrela guia	1	2.17%
asteroide	1	2.17%
	46	
faixa II		
estrela cadente	13	56.52%
cometa	8	34.78%
mãe-de-ouro	1	4.35%
estrela de ramo	1	4.35%
	23	

NS: 25. NS: 127/3, 127/4, 128/1, 128/3, 129/3, 129/4, 131/1, 131/3, 133/3, 133/4, 134/2, 134/3, 134/4, 135/4, 136/4, 137/3, 137/4, 138/3, 141/3, 142/3, 143/4, 144/4, 146/4, 148/3, 148/4

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

Segundo a Tabela 3, observamos que, no *corpus* do ALiB, os informantes da faixa I, ou seja, mais jovens, apresentaram maior número de variantes em relação aos da faixa II, mais velhos. Das oito variantes documentadas, seis delas foram registradas entre os informantes da faixa I: *estrela cadente*, *cometa*, *meteoro*, *planeta*, *estrela guia*, *asteroide*, estando *estrela cadente* como forma majoritária. Por outro lado, do conjunto de registros, 23 respostas são de informantes da faixa II, distribuídos com menor índice de produtividade em relação aos informantes da faixa I, a saber: *estrela cadente*, *cometa*, *mãe-de-ouro* e *estrela de ramo*.

Em síntese, *estrela cadente* está registrada nas duas faixas etárias, mas com maior percentual entre os informantes da faixa I. *Cometa* também está presente na fala de informantes das duas faixas, porém, com maior representatividade nos da faixa II, conforme o número de registros. *Mãe-de-ouro* e *estrela de ramo* também são formas exclusivas da faixa II, com baixo percentual; Já *meteoro* ocorre unicamente entre informantes da faixa I, assim como *planeta*, *estrela guia*, *asteroide* como *hápax legomena*. Ainda referente aos dados da tabela, cabe observar que da nota NS (não soube), 22 são de informante 3 e 4, o que significa que são informantes da faixa II, enquanto entre os informantes da faixa I, apenas três deles declararam o NS.

A partir desses resultados, podemos inferir uma possível mudança linguística em tempo real quando se compara ambos os *corpora* e as áreas geográficas de ocorrência dos itens, que conjugada a mudança linguística em tempo aparente (duas faixas etárias), evidencia variantes com representatividades diferentes entre os dois grupos e sincronias.

Zelação estava amplamente presente na fala de mineiros do centro-norte do estado na década de 1970, e atualmente não é mais registrada no vocabulário ativo dos informantes

mineiros do ALiB . Do mesmo modo, *mãe-de-ouro* atualmente apresentou só uma ocorrência e na década de 70 estava em grande parte do centro-sul de Minas Gerais, assim como *planeta*, que também está menos produtiva.

Cabe ainda realçar comentários epilinguísticos sobre as variantes, uma vez que as estrelas cadentes são envoltas a misticismo e mistérios. Assim, ao analisarmos os contextos de uso em que cada resposta é coletada, verificamos que o imaginário coletivo dos informantes acaba fornecendo indícios de elementos culturais das comunidades usuárias de determinadas denominações. Esses elementos podem ter diversas nuances e, em grande parte dela, pelo menos no que concerne a área temática de Astros e Tempo, o universo mágico-religioso das crenças dos informantes estabelece uma relação direta com o modo que os informantes têm de nomear as coisas.

Nesse sentido, destacamos, na amostra do ALiB, uma superstição envolvendo esse universo dos entrevistados, com relação ao item investigado na questão 031: *fazer pedido e ser ou não atendido*.

Para essa crença, observamos, também, que há uma divisão entre o que é mais positivo, no ato de fazer o pedido, ou o que é mais negativo. Em determinados conjuntos de respostas, a construção do pensamento se dá por meio de caracteres mais positivos, considerando que tudo o que vem do divino deve ser, assim, avaliado. Entretanto, em outro conjunto de respostas ocorre o contrário. Nos exemplos 1 e 2 tem-se uma amostra de respostas que fazem alusão ao item investigado como algo positivo, partindo da construção social compartilhada:

Exemplo 1:

INF.- Estrela daquelas que cai, que costuma cair, é?

INQ.- Estrela...?

INF.- Cadente.

INQ.- E aí a gente pode falar pros outros que viu isso?

INF.- Diz que não é bom não, né, diz que... que ela atrai, dá sorte, né. Eu *já fiz pedido*, a estrela caiu assim, eu fui lá, *fiz um pedido*: “Mai’ ôh papai do céu tomara que eu ganhe uma bicicleta, ou uma bola nova”, quando eu era menino.

INQ.- Ganhou?

INF.- Ganhei nada! (risos)

INQ.- Então, quando ela se movimenta ela tá fazendo o quê?

INF.- Ela tá... caino.

(Ponto 130. Unai – Inf. 1 – homem – faixa I)

Exemplo 2:

INF.- As pessoa fala pra você pensá numa coisa boa... (risos).

INQ.- Hum hum, é!

INF.- *Fazê um pedido*.

INQ.- Mas, a senhora fala alguma coisa, assim, quando ela está no céu, assim?

INF.- Acho que ela tá mudano de lugar.

(Ponto 141. Formiga – Inf. 4 – mulher – faixa II)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB – inédito

Conforme o exposto, a ideia de fazer um pedido ao se ver o astro é construída e compartilhada socialmente entre os diversos falantes e, para alguns deles essa superstição possui conotação positiva. No exemplo 1, o informante jovem de Unai, afirma que aquilo de que se fala dá sorte e que, mesmo não sendo atendido, já fez o pedido. Já no exemplo 2, a informante das faixa II de Formiga destaca a ideia de se pensar em uma coisa boa e se fazer o pedido. “Dá sorte” e “pensar numa coisa boa” são elementos que aproximam a experiência de ver o astro como mais positiva.

Ainda assim, as construções desse universo mágico-religioso levam em consideração as experiências vividas pelos informantes e, sobretudo, aquilo que se é compartilhado entre os membros de uma mesma comunidade. Por isso, entender que nem tudo o que é bom para alguns

será bom para outros é a chave para visualizar exemplos em que, talvez, essa experiência não seja tão satisfatória assim, conforme demonstram os exemplos 3, 4, 5 e 6:

Exemplo 3:

INF. – Mudano de lugá.

INQ. – Você conta pra alguém fala “olha tem uma estrela...”

INF. – Eu não costumo contar, não, porque a minha mãe falava que não é bom, é bom não sei se é mania do mais velho fazer um pedido por ela sabe, eis fala que se ela cair na terra o mundo acaba né, parece que ela cai no mar.

INQ. – Aí se diz que ela esta fazendo o quê?

INF. – Mudano de lugar.

(Ponto 135. Uberlândia – Inf. 3 – homem – faixa II)

Exemplo 4:

INQ. – Tem gente que fala que não pode falar o que viu.

INF. – Que apontar o dedo, que dá berruga, que num sei o quê...

(Ponto 137. Patos de Minas – Inf. 3 – homem – faixa II)

Exemplo 5:

INF. – É um cometa.

INF. – Tem muita gente também, que as pessoas que falam que, quando vê uma estrela daquela, tá pra acontecer uma coisa muito ruim com a gente, o povo tem essas mania.

(Ponto 140. Passos – Inf. 4 – mulher – faixa II)

Exemplo 6:

INF.- Tá fazeno uma rotação.

INQ. – Normalmente assim nos lugares tem assim lendas, né, o que eles falam que a gente não pode fazer pra...

INF. – Mostrar o dedo.

INQ. – Isso. Que mais?

INF. – Dá verruga. Que eu saiba é isso.

INQ. – Isso mesmo. Quando eu era criança, quando eu era mocinha, né, a gente falava que podia fazer um pedido, né, que era atendido.

INF. – *Fazia pedido pra estrela.*

INQ. – Aqui também?

INF. – Aqui também.

(Ponto 147. Poços de Caldas – Inf. 4 – mulher – faixa II)

Fonte: Dados orais. Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

De acordo com os exemplos 3 e 5, os informantes, homem e mulher, ambos de faixa II, apresentam situações catastróficas como justificativa para não se comentar ou não se apontar a tal astro, indo contra o que foi apresentado como justificativa nos exemplos 1 e 2, de se pensar em algo bom ou no fator sorte. Já nos exemplos 4 e 6 a construção de um novo elemento se dá, a partir de uma ideia mais negativa, que é o nascimento de verrugas, caso se aponte ou se fale no astro.

É interessante destacar que, diante de uma mesma área geográfica, ideias distintas para a construção de significados podem variar, pois, conforme já mencionado, estas experiências são, antes de tudo, pessoais e, depois é que elas são compartilhadas entre os membros da comunidade ou das comunidades a que um mesmo indivíduo pertença, sendo, portanto, validadas para alguns e para outros não.

Considerações finais

Envolta em mitos, mistérios e superstições, a figura das “estrelas cadentes” permanece viva no imaginário dos mineiros, o que se reflete no vocabulário observado. A sociedade atual, entretanto, já não mantém o hábito de olhar para o céu como se fazia antigamente, sobretudo

porque a luminosidade artificial das cidades obscurece fenômenos naturais que antes cativavam e despertavam a atenção das pessoas. Essa mudança de relação com o ambiente celeste se evidencia quando se compara o polimorfismo lexical acentuado registrado no EALMG (1977) com o observado no ALiB (2013), revelando uma redução perceptível na variedade de designações.

Assim, o universo das estrelas se configura como um campo de estudo especialmente rico, extrapolando a dimensão meramente linguística. Os dados analisados mostram que tais fenômenos preservam crenças, valores simbólicos e representações profundamente arraigados nas sociedades desde tempos imemoriais, conforme demonstrado pela revisão da literatura e pelos resultados empíricos apresentados neste trabalho. Essa interseção entre léxico, cultura e imaginário social confirma a relevância de investigações que articulem o dado linguístico às práticas culturais, contribuindo para uma compreensão mais ampla da relação entre língua e mundo.

A análise comparativa entre o EALMG (1977) e o ALiB (2013) evidencia mudanças no campo lexical dos designativos de “estrela cadente” em Minas Gerais. No EALMG, variantes regionais como *zelação* e *mãe-de-ouro* apresentavam áreas dialetais definidas, enquanto *cometa* e *planeta* tinham ocorrências mais esparsas e *estrela cadente* aparecia apenas pontualmente. A recartografiação mostrou que o traçado manual das isoléxicas ampliava artificialmente algumas áreas de ocorrência.

Nos dados atuais do Projeto ALiB, o quadro se reorganiza: *estrela cadente* torna-se variante amplamente majoritária (cerca de 70% das respostas), presente em todas as localidades e, em muitos casos, exclusiva. Em contraste, as variantes outrora produtivas entram em forte regressão: *zelação* desaparece por completo e *mãe-de-ouro* ocorre unicamente em Muriaé. *Cometa* permanece, mas com menor vitalidade e distribuição menos expressiva.

Essas diferenças apontam para um processo de mudança lexical, perceptível tanto diatopicamente quanto entre faixas etárias. As áreas de maior produtividade das variantes regionais no EALMG correspondem, no ALiB, a regiões onde *estrela cadente* ainda não é totalmente hegemônica, indicando substituição gradual. Os informantes mais jovens apresentam maior diversidade e incorporam termos de cunho técnico-científico, como *meteoro* e *asteroide*, enquanto os mais velhos preservam formas tradicionais. Além da mudança linguística, os dados revelam a permanência de crenças e narrativas simbólicas ligadas ao fenômeno astronômico, marcadas por elementos supersticiosos e mágico-religiosos, que se manifestam nas falas dos informantes.

Em síntese, o processo de nomeação de “estrela cadente” reflete tanto a dinâmica de reorganização do léxico quanto a influência de fatores identitários, socioculturais e geracionais. As transformações documentadas confirmam a importância dos atlas linguísticos na observação rigorosa e longitudinal da vitalidade do léxico no português brasileiro.

Contribuição dos/as autores/as

Valter Pereira Romano (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina | valter.pereira.romano@ufsc.br) foi responsável pela conceituação e escrita atuando diretamente na elaboração da introdução e na discussão dos resultados. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8882-3188>

Natalia Andreatta (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina | andreattaanatalia@gmail.com) contribuiu com a metodologia e escrita, sendo responsável pela organização do referencial teórico e metodológico. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5644-9759>

Ana Rita Carvalho de Souza (UFBA – Universidade Federal da Bahia | anarcs@ufba.br) atuou na writing, na análise qualitativa e revisão final do artigo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8690-5772>

Conflito de interesses:

Os autores declaram que não possuem interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Trata-se de dados publicados em Ribeiro et al. (1977), portanto, de domínio público. Há informações constantes do banco dados do Projeto ALiB - inédito – disponível para consulta aos pesquisadores do Projeto ALiB para o desenvolvimento de artigos e trabalhos monográficos como os constantes na tese de doutorado: SOUZA, A. R. C. *Os astros no corpus do Projeto ALiB: revisitando os falares de Nascentes*. 2025. 2 v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

Declaração de uso de IA: não se aplica

Referências

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O Livro, 1920.

AULETE, Caldas. *Dicionário Caldas Aulete / Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Versão digital. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital. Disponível em: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 12 jun. 2024.

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

CARDOSO, S. A. M. da Silva ; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. S. ; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F.. Atlas Linguístico do Brasil - Volume 1 Introdução. 1. ed. Londrina, Paraná: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. da Silva ; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. S. ; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F.. Atlas Linguístico do Brasil - Volume 2 - Cartas Linguísticas 1. 1. ed. Londrina, Paraná: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2014b.

CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1954.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

D'ANUNCIACÃO, E. S. *Registrando o léxico dos brinquedos infantis em Minas Gerais*. 86 p. 2016 (Monografia) Instituto de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FILGUEIRA, A. P. S. Roma, a capital do Império: Um estudo do corpo e do espaço na cidade antiga. *Revista Alétheia*, Natal, v. 10, n. 1, p. 79-87, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6690>. Acesso em: 09/11/2025.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. ONLINE)*, v. 56, p. 891-916, 2012.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

MONTES GIRALDO, J. J. *Dialectologia General e Hispano-americana: orientación teórica, metodológica y bibliográfica*. 2.ed. Bogotá: Caro y Cuervo, 1987.

MORGANTI, B. Breve discurso sobre os cometas: em que se mostra a sua natureza, sua duração, seu movimento, sua influência &c. Lisboa: Francisco Borges de Faria, 1757. Disponível em: < <https://purl.pt/20699/1/index.html#/5/html> > Acesso em: 07/11/2025

MOTA, J. A.. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. *Revista do GELNE (UFC)*, Fortaleza, v. 2, p. 25-31, 1999.

MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C. (Org.) ; OLIVEIRA, J. M. (Org.). *Atlas linguístico do Brasil III: comentários às cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel, 2023.

MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. *Divinização heróica e catasterismos na poesia de Virgílio: polissemia e apropriações poéticas do cometa/estrela de César*. História (São Paulo), v. 39, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2020038>

NACIONAL Aeronautics and Space Administration. "Perseids". Disponível em: https://science.nasa.gov/science-research/planetary-science/11aug_perseids/. Acesso em: 06 jun. 2024.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. P. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Org.). *Contribuições de estudos geolinguísticos para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 11-39.

ROMANO, V. P.. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*. Londrina, UEL, v. 13, n.2, jul.- dez., 2013, p. 203-242.

ROMANO, V. P.; BRISSOS, F. *Análise dialetométrica das cartas lexicais do EALMG: uma contribuição para a descrição dos falares mineiros* (no prelo)

ROMANO, V. P.; CRUZ, J. A. . Entre raios e coriscos: estudo geolinguístico em Minas Gerais nos dados do ALiB e do EALMG. *Sociodialetto*, v. 10, p. 274-300, 2020.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis, *RELin Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 25, n.1, p. 111-150, 2017.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *RELin Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, p. 119-151, 2014.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D.. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOUZA, A. R. C. *Os astros no corpus do Projeto ALiB: revisitando os falares de Nascentes*. 2025. 2 v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

SPENCER, B.; GILLEN, F. J. *The Northern Tribes of Central Australia*. London: Macmillan and Co., 1904

TEIXEIRA, J. de A. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, p. 5-100, 1938.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY* (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

UFMG. Asteroides e Meteoros. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/asteroides-e-meteoros/>.

WILLIAMS, I. P. *This paper is based on a public lecture given at the Meteors 2010 Conference in Colorado*. Astronomy Unit, Queen Mary University of London, UK. Disponível em: I.P.Williams@qmul.ac.uk. Acesso em: 12 jun. 2024.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 1998. p. 31-77.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.